

O itinerário da catequese mistagógica À luz do número 64 de *Sacramentum caritatis*

João Vitor Piancó Lima dos Santos¹

Resumo: Tratando da formação dos fiéis para uma participação mais plena na Eucaristia, o Papa Bento XVI dedicou um número da exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* a aprofundar a catequese mistagógica, sistematizando-a em três passos: a interpretação dos ritos à luz da História da Salvação, a introdução aos sinais e o significado dos ritos para a vida cristã. Este trabalho objetiva aprofundar cada um dos passos apresentados por Bento XVI, estabelecendo conexões com o ensinamento do Papa Francisco. Além disso, busca fazer uma análise das implicações pastorais em torno do processo da Mistagogia, contextualizando-a na conjuntura atual da Igreja do Brasil, empenhada nas questões ligadas à iniciação à vida cristã. A pesquisa bibliográfica utilizada como metodologia reúne teólogos consagrados e a voz sempre abalizada do Magistério pontifício. Do estudo empreendido, conclui-se que uma exitosa introdução nos mistérios cristãos exige uma experiência existencial ampla, vivida pessoalmente e em comunidade, especialmente na Liturgia. Essa experiência supõe, como condição *sine qua non*, uma educação das sensibilidade para que se recupere a capacidade de ler os símbolos e extrair o sentido dos sinais, interpretando-os à luz dos acontecimentos salvíficos.

Palavras-chave: Mistagogia; Símbolo; *Desiderio Desideravi*; Participação ativa na Liturgia; Iniciação à Vida Cristã.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a transmissão da chama da fé já não é um processo orgânico, vivido em família. Por isso, a iniciação à vida cristã tem ocupado o primeiro lugar nas preocupações pastorais da Conferência Episcopal e das comunidades. Entre os elementos que constituem essa iniciação, sobressai a introdução ao mistério de Cristo, experimentado de forma eminente na Liturgia, no que consiste a mistagogia. Instado pela XI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, Bento XVI formulou a catequese mistagógica em torno de três pontos fundamentais que, bem articulados, constroem um caminho sólido de inserção no mistério da fé.

No quadro atual, percebe-se, por um lado, a vivência muitas vezes superficial da Liturgia, de forma desleixada, puramente sentimental ou excessivamente rígida – três atitudes distintas que, porém, expressam igualmente visões superficiais ou parciais do culto cristão; por outro lado, como sinal de esperança, verifica-se o empenho pastoral de implementação da Catequese de inspiração catecumenal. Nesse contexto, impõe-se a questão: a partir de quais elementos se pode propor um itinerário mistagógico que responda aos desafios hodiernos?

¹ Especialista em Liturgia pela Faculdade São Basílio Magno. Bacharelado em Teologia no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI. E-mail: joaovitorpianco@outlook.com

Para responder a essa pergunta, o presente trabalho desenvolverá cada um dos elementos apontados por Bento XVI. Com esse fim, revisitará a catequese mistagógica tal como praticada nas comunidades cristãs da Idade Antiga, analisará a atual crise simbólica e o modo como ela afeta a vivência da Liturgia e apresentará os meios de vivência do tempo de mistagogia, especialmente no âmbito da iniciação cristã. Com base na experiência da Igreja através dos séculos, entende-se que, sendo a Liturgia a fonte e o cume de toda a vida espiritual, uma bem-feita introdução a ela possibilitará o desenvolvimento maduro do ser cristão.

1 A INTERPRETAÇÃO DOS RITOS À LUZ DOS ACONTECIMENTOS SALVÍFICOS

Como ponto de partida para o itinerário de catequese mistagógica, qual elemento basilar, Bento XVI apresenta, em *Sacramentum Caritatis*, a leitura dos ritos litúrgicos a partir da história da salvação:

A celebração da Eucaristia, na sua riqueza infinita, possui contínuas referências à história da salvação. Em Cristo crucificado e ressuscitado, podemos celebrar verdadeiramente o centro recapitulador de toda a realidade (cf. Ef 1, 10); desde o seu início, a comunidade cristã leu os acontecimentos da vida de Jesus, e particularmente o mistério pascal, em relação com todo o percurso do Antigo Testamento (BENTO XVI, 2007, n. 64).

Na verdade, o ensinamento do Papa bebe da prática tradicional da Igreja, desde as origens. Revisitando os grandes mistagogos da Antiguidade – Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo, dentre outros –, será possível constatar o emprego desse método. Não se trata, porém, de método concebido pelos Santos Padres como fruto de sua genialidade. Antes, é o modo orgânico, natural, de ser introduzido no modo cristão de viver (celebrar) a fé.

Etimologicamente, a palavra “mistagogia”, traduzida do grego, expressa a ação de conduzir para dentro do mistério, ou ainda, a dinâmica pela qual o mistério conduz o crente. Aqui, como em todo este estudo, não se entende mistério como uma realidade obscura, mas como a realidade mesma de Deus, tal como manifesta ao homem através da história da salvação.

Em uma perspectiva mais histórica, mistagogia designa o conjunto de catequeses e homilias com que os Padres da Igreja ilustravam aos neófitos os sacramentos da iniciação cristã e os ritos que, em geral, informam a Sagrada Liturgia. Essas duas definições – uma etimológica e outra de cunho histórico –, por mais importantes que sejam, não esgotam o conceito de mistagogia, pela sua amplidão teológica e pastoral, experimentada de modo iminente no processo de iniciação à vida cristã.

Bornert identifica a mistagogia com a própria celebração litúrgica, na medida em que esta é sempre a manifestação do mistério. Em outras palavras, Boselli explica que “a celebração dos mistérios é já iniciação aos mistérios”, posto que “o mistério se revela quando é

celebrado” (BORNERT, 1966, apud BOSELLI, 2014, p. 18). Bento XVI esclarece ainda mais tal realidade ao anotar na *Sacramentum Caritatis* que:

Devido à relação entre a arte da celebração e a participação ativa, “a melhor catequese sobre a Eucaristia é a própria Eucaristia bem celebrada”; com efeito, por sua natureza a liturgia possui uma eficácia pedagógica própria para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado (BENTO XVI, 2007, n. 64).

A célebre lição de Ratzinger comporta, em primeiro lugar, um dado em alguma medida intuitivo: alguém que passasse um certo período lendo sobre a Liturgia ou dela ouvindo falar, embora intelectualmente predisposto, não experimentaria o que experimenta alguém que, talvez “despretensiosamente”, vai à Missa dominical, pela riqueza plurisensorial de elementos (gestos, palavras, espaços, cheiros, alimentos...) que este último recebe e, na medida de sua sensibilidade simbólica, assimila.

Havia também uma preocupação pastoral do então Pontífice em relação à qualidade das celebrações das comunidades. Embora os sacramentos tenham uma força própria, melhores disposições produzem frutos mais abundantes na vida de quem os recebe e, sendo a Liturgia um complexo de elementos tangíveis, é necessário que estes estejam bem ordenados em função da finalidade do louvor a Deus e da edificação do povo fiel.

Se, por um lado, a mistagogia designa a própria Liturgia, por outro, ela implica uma “explicação oral ou escrita do mistério escondido na Escritura e celebrado na Liturgia”, consoante asseverava Bornert (BORNERT, 1966, apud BOSELLI, 2014, p. 18). Foi o zelo nessa atividade de explicação que consagrou os grandes mistagogos da Antiguidade. O Catecismo da Igreja Católica (2022, n. 1075), ao discorrer sobre a relação entre Catequese e Liturgia, resume a dinâmica da catequese mistagógica como um movimento “do visível ao invisível, do signifiante para o significado, dos ‘sacramentos’ para os ‘mistérios’”.

As catequese mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém, como genuína fonte patrística, constituem um paradigma histórico-teológico. São cinco catequese sobre os sacramentos da iniciação à vida cristã dirigidas aos neófitos batizados na noite de Páscoa, sendo as duas primeiras sobre as cerimônias que precedem o Batismo, a terceira sobre a Confirmação, a quarta sobre a Eucaristia e a quinta sobre a Liturgia da Missa.

Logo na primeira catequese mistagógica aos recém-iluminados, Cirilo de Jerusalém, dirigindo-se aos neófitos como a “filhos legítimos e muito amados da Igreja”, explica-lhes que já desejava ter-lhes falado anteriormente, porém ressalva que “a vista é mais fiel que o ouvido” (CIRILO DE JERUSALÉM, 1977, p. 20); com isso, afirma a precedência da experiência celebrativa em relação ao discurso sobre a Liturgia, condicionando a qualidade e o aproveitamento deste à vivência daquela. Essa convicção condiciona o seu método, que situa a explicação após a participação no mistério.

Ao longo da instrução catequética, Cirilo alude sistematicamente aos ritos por que passaram os neófitos, estabelecendo a relação dos gestos e palavras com histórias do Antigo Testamento e, sobretudo, com o mistério pascal de Jesus. Como diligente catequista, o Bispo de Jerusalém repassa minuciosamente os ritos, incluindo até aspectos geoespaciais neles empregados, como a orientação ao oriente ou ao ocidente.

Fundamental, pois, nesse processo era, como é, a relação entre a Sagrada Liturgia e as Sagradas Escrituras. A mistagogia tem como que a sua força motriz na articulação desse binômio. De fato, ambas contêm e manifestam, cada uma a seu modo, o mistério de Cristo. Daniélou elucida a conexão entre as duas realidades nos seguintes termos: “A aplicação do método tipológico à Escritura se chama exegese espiritual; aplicado à liturgia, chama-se mistagogia” (DANIÉLOU, 1945, *apud* BOSELLI, 2014, p. 25). Compreende-se, portanto, a mistagogia como tipologia aplicada à Liturgia.

De fato, é próprio dela evidenciar a realização das figuras do Antigo Testamento na Liturgia e, mais do que isso, a atualização dos gestos de Jesus nos gestos litúrgicos. Cirilo de Jerusalém exemplifica esse dado em sua explicação da unção batismal:

É necessário que saibais que há o símbolo desta unção na Escritura Antiga. E na verdade, quando Moisés comunicou a ordem de Deus e o estabeleceu sumo sacerdote, depois de lavar-se com água, o ungiu e foi ele chamado cristo em virtude, evidentemente, da unção figurativa (...) Mas essas coisas lhes aconteceram em figura. A vós, porém, não em figura, mas em verdade. Isso, já que o começo da vossa salvação remonta àquele que foi ungido pelo Espírito Santo (CIRILO DE JERUSALÉM, 1977, p. 31).

A partir de todo o exposto, Boselli qualifica a mistagogia como “uma verdadeira e própria teologia do mistério litúrgico” (BOSELLI, (2014, p. 27). Ou seja, ela não se presta a ser uma simples iniciação à Liturgia, mas pretende subsidiar a própria compreensão do mistério de Cristo contido nas Escrituras e celebrado na Liturgia. Por suposto, não se trata aqui de uma compreensão apenas intelectual, mas vivencial, considerando o já mencionado caráter plurisensorial do culto cristão.

Em suma, a catequese mistagógica ilumina a compreensão da Liturgia vivenciada, desvelando o sentido dos ritos com a luz da Palavra de Deus: na piscina batismal, a arca em que se salvou a humanidade através do dilúvio; no evangeliário que atravessa a assembleia em direção ao altar, o mistério da Palavra de Deus que atravessa a existência do povo de Israel... E assim se poderia aclarar biblicamente o significado de cada gesto litúrgico.

2 A SENSIBILIDADE AOS SINAIS E SÍMBOLOS

O segundo elemento do itinerário mistagógico proposto por Bento XVI tem um alcance especialmente amplo na tarefa da formação do homem a partir da Liturgia, pois se refere à introdução do fiel na linguagem simbólica:

A catequese mistagógica há de preocupar-se em *introduzir no sentido dos sinais* contidos nos ritos; essa tarefa é particularmente urgente numa época acentuadamente tecnológica como a atual, que corre o risco de perder a capacidade de perceber os sinais e os símbolos. Mais do que informar, a catequese mistagógica deverá despertar e educar a sensibilidade dos fiéis para a linguagem dos sinais e dos gestos que, unidos à palavra, constituem o rito (BENTO XVI, 2007, n. 64)

Bento XVI enfatiza um aspecto que pode parecer óbvio, mas que eventualmente se ignora: o rito contém um sinal. Quando não está clara essa consciência, a Liturgia tende ao esteticismo. Indo além, com razão se poderia dizer que o rito é ele próprio um sinal, na medida em que necessariamente expressa uma realidade simbolicamente relevante.

Se em um polo está o rito, no outro, deve estar a preocupação em introduzir o fiel em seu significado. Essa introdução, que tem sido chamada “educação simbólica”, tem muitas frentes: começa na família, nos anos da infância, quando os sentidos e a razão da criança começam a perceber o mundo e registrar experiências. Uma existência plena passa por experiências variadas, dentre as quais jamais se deve negligenciar o contato com a Criação, da qual são retirados os elementos da Liturgia (fogo/luz, água, trigo/uva...).

Em *Sacramentum Caritatis*, Bento XVI diagnostica uma crise na sensibilidade aos símbolos. Na sua “Formação Litúrgica”, Romano Guardini (2023) demonstrou que a incapacidade de penetrar o sentido deles vem se acentuando desde o fim da Idade Média, com o favorecimento de expressões devocionais tendentes a separar alma e corpo, reduzindo a vivência da fé ao dado transcendente e prescindindo dos elementos materiais que sempre informaram o celebrar cristão. Criou-se uma caricatura de espiritualidade, semelhante a uma espécie de abstração.

Trata-se de um erro grosseiro na compreensão não apenas da Liturgia, mas do próprio cristianismo. Se fosse apenas uma filosofia ou um conjunto de ideias, ele poderia ser transmitido simplesmente por um discurso, oral ou escrito. Mas ele vai muito além: é o encontro com a pessoa de Jesus, que abre o crente à comunhão com Deus e com o próximo.

A fé cristã, portanto, abrange necessariamente corpo e espírito, interioridade e relações, como o Papa Francisco escreveu em *Lumen Fidei*: nos sacramentos, “comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos” (FRANCISCO, 2013, n. 40).

Na realidade, a Liturgia utiliza e atualiza o método da Encarnação. Ela “é feita de coisas que são exatamente o oposto de abstrações espirituais”, asseverou o Papa Francisco em *Desiderio Desideravi* (FRANCISCO, 2022, n. 41), chamando a atenção para o fato de que os elementos materiais, bem como os gestos, não são meros apêndices, mas uma exigência do modo cristão de viver a fé, necessariamente celebrativo.

A deficiência na leitura dos símbolos alcançou níveis preocupantes na geração atual, conforme apontava o Papa Bento XVI. Um exemplo concreto é que o bimilenar gesto de abrir as mãos para a oração, o qual já representava a Igreja orante no século II, é hoje facilmente substituído pelo uso de abrir um dos braços enquanto com o outro se sustenta um microfone. Um outro exemplo: em algumas celebrações, durante a procissão das oferendas, leva-se ao altar, com as âmbulas e as galhetas, um grande pão fermentado com um cacho de uvas, o que aponta para a falência do sinal mais elementar da eucaristia: a própria matéria do sacrifício.

Na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, o Papa Francisco afirmou a imprescindibilidade da linguagem simbólica para o culto cristão e elegeu como tarefa primária na formação litúrgica dos fiéis a educação para os símbolos a partir de dois passos: readquirir a confiança na Criação e adquirir a atitude interior que permite utilizar e compreender os símbolos litúrgicos.

A confiança na Criação passa pela superação do paradigma espiritualista, que a enxerga com desconfiança, como se ela não fosse tão importante do ponto de vista da fé. No entanto, em um contexto altamente urbanizado e tecnológico como o atual, é preciso um passo a mais em relação à formulação de uma Teologia da Criação: é preciso submeter-se a experiências concretas com os elementos naturais.

Assim, por exemplo, quem se dispusesse a atravessar as trevas da noite desprovido da luz elétrica entenderia melhor a grandeza do sol nascente e como ele expressa o mistério da Ressurreição; com outros olhos encararia a penumbra em que se encontra o templo no início da Vigília Pascal. Ou, ainda, para alguém que fizesse uma forte experiência de silêncio, em um retiro, por exemplo, a palavra proclamada na Liturgia assumiria um significado novo. Nesse sentido, Guardini se expressa:

Se o jovem crescer do modo correto e em viva conexão com a natureza, formando seu corpo através de caminhadas, jogos e exercícios físicos; se executar, além do trabalho intelectual, também o trabalho manual; se a exigência da veracidade o ensinar a sentir novamente o peso da palavra; se souber sentir o que maneiras e modos significam; se aprender a cultivar o ambiente e a fazer ele mesmo roupas e objetos de uso cotidiano; se voltar a se tornar senhor do seu corpo através da adequada educação rítmica; e se crescer na interpenetração de alma e corpo, de forma e movimento, de medida e ser – então ele terá as condições naturais para a correta atitude litúrgica (GUARDINI, 2023, p. 85).

Por outro lado, Francisco suscita a necessidade do cultivo de uma atitude interior que permita situar e compreender os símbolos litúrgicos. Ele utiliza memórias comuns a todos, de grande simplicidade e profundidade, para esclarecer como se realiza essa educação:

Penso nos pais e, mais ainda, nos avós, mas também nos nossos pá-
rocos e catequistas. Muitos de nós aprendemos, precisamente com
eles, a força dos gestos da liturgia, como por exemplo o sinal da cruz,
o estar de joelhos, as fórmulas da nossa fé. É possível que já não nos
lembremos bem, mas facilmente podemos imaginar o gesto de uma
mão maior que toma a mão pequena de uma criança e a acompanha
lentamente no traçar pela primeira vez o sinal da nossa salvação. Ao
movimento juntam-se as palavras, também elas lentas, quase a que-
rer tomar posse de cada instante daquele gesto, de todo o corpo: “Em
nome do Pai ... e do Filho ... e do Espírito Santo ...” (FRANCISCO,
2022, n. 46).

Trata-se, antes de tudo, de uma atitude de humildade, que se permite tocar pelos gestos
e pelas palavras que perfazem os ritos: sentar-se com toda a assembleia para escutar as leituras
bíblicas, recolher-se nos momentos penitenciais, sentir os pingos da água benta aspergida em
memória do Batismo, cantar, quando cabe ao povo o canto, silenciar para a interiorização...

A Catequese deveria proporcionar aos catecúmenos experiências concretas com os
símbolos litúrgicos. Do ponto de vista pedagógico, oferecer aos que se preparam para a
Confirmação um contato com o óleo perfumado certamente será mais expressivo do que mi-
nistrar uma palestra sobre ele. Os dogmáticos reconhecem a Teologia dos Sacramentos como
exegese dos ritos; se estes compreendem elementos tangíveis, só uma experiência sensorial
os contemplará totalmente (v.g., OÑATIBIA, 2007, p. 134).

Ao desenvolver o tema da catequese mistagógica em *Sacramentum Caritatis*, Bento
XVI destacou:

O Sínodo dos Bispos recomendou que se fomentasse, nos fiéis, pro-
funda concordância das disposições interiores com os gestos e pala-
vras; se ela faltasse, as nossas celebrações, por muito animadas que
fossem, arriscar-se-iam a cair no ritualismo. Assim, é preciso promo-
ver uma educação da fé eucarística que predisponha os fiéis a vive-
rem pessoalmente o que se celebra (BENTO XVI, 2007, n. 64).

As comunidades chegam, portanto, ao nível de uma liturgia “viva”, isto é, não mecânica
ou sem alma (desanimada), quando os fiéis são capazes de captar o sentido mais profundo
dos ritos e, a partir deles, fazer uma experiência com o aspecto do mistério de Cristo que eles
manifestam, o que supõe necessariamente o refinamento da sensibilidade simbólica, uma
preocupação que, à vista de todo o exposto, não pode ser estranha ao itinerário da iniciação
cristã.

3 O SIGNIFICADO DOS RITOS PARA A VIDA CRISTÃ

Por fim, Bento XVI apresenta o terceiro elemento fundamental no processo de mistagogia, ampliando as suas considerações para desdobramentos do caminho mistagógico na vida cotidiana do cristão:

Enfim, a catequese mistagógica deve preocupar-se por mostrar o significado dos ritos para a vida cristã em todas as suas dimensões: trabalho e compromisso, pensamentos e afetos, atividade e repouso. Faz parte do itinerário mistagógico pôr em evidência a ligação dos mistérios celebrados no rito com a responsabilidade missionária dos fiéis; neste sentido, o fruto maduro da mistagogia é a consciência de que a própria vida vai sendo progressivamente transformada pelos sagrados mistérios celebrados. Aliás, a finalidade de toda a educação cristã é formar o fiel enquanto “homem novo” para uma fé adulta, que o torne capaz de testemunhar no próprio ambiente a esperança cristã que o anima (BENTO XVI, 2007, n. 64).

À luz desse ensinamento, pode-se pensar em uma ética cristã plena como parte e como consequência orgânica de um processo mistagógico bem conduzido. De fato, a iniciação à vida cristã sempre deve ser encarada, inclusive nos programas pastorais, não como fim em si mesma, mas como ponto de partida para uma vida segundo o Espírito. Essa compreensão é importante para que as comunidades não caiam na armadilha do moralismo, que considera o comportamento ético o mais importante no processo iniciático.

Na linha da articulação entre fé e vida, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) apresenta alguns eixos que concorrem para o aprofundamento do mistério pascal e sua vivência: a meditação do Evangelho, a participação na Eucaristia, a prática da caridade e a experiência comunitária. Não são estratégias didáticas como o são as metodologias empregadas no ambiente escolar; antes, são práticas que identificam e moldam o ser cristão (RICA, 2001, nn. 37 e 39).

Pela meditação do Evangelho, o crente se familiariza com a Palavra de Deus e, portanto, com a maneira como ele age e nos interpela: a frequência à Palavra de Deus faz assimilar os hábitos de Deus, conforme a máxima atribuída a Santo Agostinho. Ao mesmo tempo, o sentido de amizade é cultivado mediante um contato frequente. A amizade com Deus se nutre, pois, sobretudo, da leitura orante das Escrituras, mediante a qual o homem escuta a voz do Senhor, meditando as santas páginas, e lhe responde, através da prece. A mistagogia, precisamente por interpretar os ritos à luz dos acontecimentos salvíficos, exige intimidade com a Bíblia.

O Ritual propõe, ainda, como parte do caminho mistagógico, a participação na Eucaristia. O Santíssimo Sacramento produz um efeito singular de união com Jesus. São João Paulo II ensinava que na Eucaristia “Cristo Jesus age em plenitude para a transformação

dos homens” (JOÃO PAULO II, 1979, n. 23). Com muita riqueza, Zizioulas desenvolve esse aspecto:

A Igreja não oferece ao mundo um sistema de regras morais, mas uma sociedade santificada, um fermento que faz fermentar a criação, não através da imposição de suas ordens morais, mas por meio de sua presença santificadora. É uma presença testemunhante, que não amarra pesados fardos aos homens (...), mas os chama à liberdade dos filhos de Deus, numa comunhão com ele que conduz à renovação do mundo (ZIZIOULAS, 2001, p. 92)

Para que esse efeito se verifique, São João Paulo II insistia na ligação indissociável entre catecumenato e iniciação aos sacramentos do Batismo e da Eucaristia: a vida sacramental que prescindisse da instrução catequética cairia no “ritualismo oco”; por outro lado, a catequese sem a prática sacramental tenderia ao intelectualismo (JOÃO PAULO II, 1979, n. 23). A catequese não é curso escolar e a introdução sistemática à Doutrina, por mais importante que seja, por si só, não sustenta uma vida cristã vocacionada à plenitude da fé.

O tempo de mistagogia supõe ainda a aplicação à prática da caridade, síntese do Evangelho e distintivo do cristão. Como visto, no campo de uma vida sacramental intensa invariavelmente brota a caridade, que é a marca de quem se configura com o Cristo recebido sob o véu do Sacramento. O Catecismo Romano (1566, *apud* CIC, n. 25) já proclamava categoricamente que “toda a finalidade da doutrina e do ensinamento deve ser posta no amor que não acaba”.

Como outra vivência a ser realizada como parte do caminho mistagógico aparece a experiência comunitária: “O tempo de mistagogia é de grande importância para que os recém-batizados, com o auxílio dos padrinhos, entrem em relações mais estreitas com os fiéis e adquiram, assim, novo impulso e nova visão das coisas” (RICA, 2001, n. 39).

Além desses elementos fortemente eclesiais, embora todos com repercussões *ad extra ecclesiae*, Bento XVI aludia às repercussões dos ritos nas dimensões do trabalho, do repouso e até da vontade. “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”, declarou o Papa Francisco no número inicial de *Evangelii Gaudium* (FRANCISCO, 2013). Isso significa que, para o cristão, todas as áreas da vida são espaços de encontro com o Cristo vivo; a vida inteira é vivida na presença de Deus, sob a luz do Espírito Santo.

Nesse sentido, foi importante que *Desiderio Desideravi* (2022) superasse a compreensão restritiva de formação litúrgica como estudo dos ritos, propondo a Liturgia como experiência que dá forma a toda a vida cristã. De fato, a Liturgia educa a sensibilidade para um novo olhar em relação à criação (natureza) e ao trabalho (cultura), cujo encontro proporciona a matéria para o sacrifício eucarístico. Além disso, ela ritma os ciclos diário, semanal e anual em função do mistério de Cristo, ordenando para ele toda a vida.

Disso decorre uma responsabilidade missionária. O “homem novo”, transformado pelos mistérios que celebra, é levado a testemunhar as razões de sua esperança no ambiente que o acolhe. Por sinal, o tempo privilegiado para a mistagogia é o Tempo Pascal, marcado pelas aparições do Ressuscitado, que “ressuscitam” a fé dos discípulos, e pelo contato com o Cristo vivo anunciado pela Igreja, conforme o testemunho dos Atos dos Apóstolos.

CONCLUSÃO

Depois de apresentar os três elementos fundamentais da mistagogia, Bento XVI (2007, n. 64) apresenta circunstâncias pastorais a serem consideradas na consolidação da catequese mistagógica nas comunidades. Em primeiro lugar, ele se refere à necessidade de “formadores adequadamente preparados”. Não se refere ele a “professores”, mas a cristãos já introduzidos à vivência da Liturgia e aptos a testemunhar a própria experiência, não tanto conduzindo os catecúmenos, mas os ajudando a se deixarem conduzir pelo mistério do Cristo vivo que lhes interpela a existência.

Por outro lado, o Papa menciona a importância de a comunidade cristã ser “lugar de introdução pedagógica aos mistérios que se celebram na fé” (BENTO XVI, 2007, n. 64). A preocupação com a vivência mistagógica, deve, portanto, mobilizar toda a estrutura eclesial, especialmente a vida paroquial nas suas diversas expressões.

O Documento 107 da Conferência dos Bispos do Brasil, referente à iniciação à vida cristã, afirma que a Igreja deve ser “comunidade mistagógica e materna” para os catecúmenos, visto que é mediante esse processo iniciático que ela gera novos filhos, inserindo-os em Cristo (CNBB, 2017, n. 112). Com efeito, o mistério de Deus atinge a plenitude em Jesus e é anunciado na comunidade dos discípulos.

A Carta *Desiderio Desideravi* lançou uma nova luz sobre o tema da formação litúrgica do Povo de Deus, demonstrando sua urgência e ampliando a sua compreensão. A preocupação do Papa Francisco que atravessa todo o documento é a mesma que levou Bento XVI a consignar em um documento papal a prática milenar da Igreja ao introduzir seus filhos na vida litúrgica, centro de todo o ser cristão, mediante o processo denominado mistagogia, de grande valor na condução dos crentes ao cerne do mistério da salvação.

A análise dos elementos que informam a catequese mistagógica sistematizados por Bento XVI provoca uma mudança de paradigmas. Em primeiro lugar, na formação humana de cada pessoa – formação que deve abranger experiências ricas pela diversidade e profundidade. Mas este estudo também tem repercussões pastorais expressivas, sobretudo na decidida adesão das comunidades à catequese de inspiração catecumenal, entendida como itinerário artesanal de configuração da pessoa do discípulo à pessoa de Cristo.

REFERÊNCIAS

- BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis*: ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Tradução: Euclides Martins Balancin *et al.* 1 ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOSELLI, Godoffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Tradução: Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- CIRILO DE JERUSALÉM (São). *Catequeses mistagógicas*. Tradução: Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã*: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Documentos da CNBB, 107).
- FRANCISCO. *Carta apostólica Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- FRANCISCO. *Carta encíclica Lumen Fidei*, aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 5 out. 2023.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo actual. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 10 out. 2023.
- GUARDINI, Romano. *Formação litúrgica*. Tradução: Christiane Meier. Curitiba: Carpentaria, 2023.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica Catechesi Tradendae*, ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a igreja sobre a catequese do nosso tempo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html. Acesso em: 9 out. 2023.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Catecismo da Igreja Católica*: Novíssima edição de acordo com o texto oficial em latim. 5 ed. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e confirmação*: sacramentos de iniciação. Tradução: José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007.
- RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulus, 2001.
- ZIZIOULAS, Ioannis. *A Criação como eucaristia*: proposta teológica ao problema da ecologia. Tradução: José Artulino Besen. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2001.